



Áida Silva Penna
Universidade Federal do Rio de Janeiro
aidapenna_@hotmail.com

Paulo Cortes Gago
Universidade Federal do Rio de Janeiro
pcgago@letras.ufrj.br

“A senhora tá querendo dizer então que o seu amir é um grande ator?”: Por trás da (des)afiliação na mediação familiar judicial

A conversa é elemento fundamental na comunicação humana, sobretudo em situações de conflito. Um dos métodos mais tradicionais de solução de disputa é o Sistema Judiciário. Porém, a partir dos anos 70, surgem cada vez mais formas alternativas de resolução de conflito, tais como a mediação (AZEVEDO, 2013). A entrevista de pré-mediação é um dos procedimentos mais comuns que compõe o método de mediação, nos quais indivíduos acometidos em controvérsia, juntamente com uma terceira parte neutra, reúnem-se para elaborar uma possível solução. Durante situação de mediação surgem inúmeras reclamações a respeito da má conduta e comportamento inadequado entre as partes disputantes. Neste artigo, tratamos das reclamações de terceiros ausentes no evento mediação familiar judicial de indivíduos em situação de disputa. Esta pesquisa tem como objetivo descrever como ocorre a afiliação ou desfiliação nas reclamações realizadas pelas partes, bem como descrever a maneira pela qual a mediadora lida com essas reclamações. Afiliação a uma reclamação é demonstrar/fornecer apoio à atividade de reclamar que ocorre ao longo da interação (DREW & WALKER, 2009). Para tal, amparamo-nos nos preceitos teórico-metodológicos da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974) por esta abordagem dedicar-se aos estudos das ações sociais humanas que são realizadas conjuntamente durante situação de fala-em-interação. Nosso *corpus* de análise compõe-se da transcrição do áudio do evento mediação judicial de uma vara da família. Os resultados advindos desta pesquisa mostraram que: (i) as reclamações foram feitas de diferentes modos e formatos; (ii) a afiliação e desafiliação são ações que o mediador realiza ao longo de todas as entrevistas de mediação; (iii) essas (des)afiliações, também, foram utilizadas pela mediadora como um mecanismo oportuno para negociar, questionar e até mesmo discordar dos sentidos que estavam sendo construídos na entrevista, gerando consequências para a interação.

Palavras chave: reclamação de terceiros ausentes, afiliação, mediação familiar judicial, fala-em-interação, análise da conversa

Áida Silva Penna
Universidade Federal do Rio de Janeiro
aidapenna_@hotmail.com

Maria de Lourdes Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
malluppereira@gmail.com

Paulo Cortes Gago
Universidade Federal do Rio de Janeiro
pcgago@letras.ufrj.br

Vanderlei Andrade de Paula
Universidade Federal do Rio de Janeiro
vanderleiandradde@gmail.com

"Por que que eu tenho que fazer plano se você tem plano?": Quando um mesmo item reclamável assume diferentes lados

Quando o sistema judicial mostra-se ineficaz na resolução de conflitos entre ex-casais, urge o surgimento de novos meios. A mediação é um desses meios. Para Azevedo (2016), a mediação é um método de intervenção de terceiras partes em situação de conflito. Um processo de mediação judicial é, em alguns casos, composto por entrevistas de pré-mediação, sendo estas vistas como um recurso acessório muito utilizado pelo mediador para se inteirar sobre as principais questões que permeiam o conflito (MOORE, 1998), e sessões de mediação, em que ambas as partes estão presentes. Esse tipo de interação é permeada por muitos ambientes de fala de conflito, na qual reclamar é uma prática recorrente. Reclamar é demonstrar descontentamento por um estado de coisas no qual se pode atribuir responsabilidade a outrem (HEINEMANN e TRAVERSO, 2009), podendo surgir (ou não) de uma alusão ao item reclamável, o elemento sobre o qual incide a reclamação (SCHEGLOFF, 2005). Assim, temos como objetivo analisar as propriedades linguístico-interacionais das sequências através das quais o ex-casal constrói, com base em um mesmo item, suas reclamações no decorrer dos encontros. Neste trabalho, estudamos as reclamações que acontecem no contexto institucional de (pré)mediação em vara de família. Com base no aparato teórico da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), observamos que, ao longo das entrevistas de pré-mediação sessões de mediação, determinado item reclamável era uma questão recorrente entre ambas as partes, sendo um dos motivos geradores das reclamações. Os resultados mostram que o item reclamável plano de saúde surge nas entrevistas de pré-mediação de ambas as partes, a fim de reprovar a atitude do outro, e também na sessão de mediação, como um fator agravante do conflito, além disso, o escalonamento do conflito, a partir do mesmo item, serve como ferramenta para que uma das partes barganhe seus interesses pessoais.

Palavras-chave: análise da conversa, mediação familiar judicial, reclamação, item reclamável

Alex Barroso de Figueiredo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio
abarrosofigueiredo@outlook.com

“Se não gosta, não vá!” Locais dissidentes e aqueles que neles transam: uma análise linguística em um cinema pornô no centro do Rio

Pretendo apresentar aqui algumas reflexões oriundas de um trabalho de campo ainda em andamento no Cine Rex, um cinemão localizado no Centro do Rio. A pesquisa, que já dura cinco meses, se dá a partir do método etnográfico – idas semanais, com duração variante – ao Rex. Espero com isso analisar as interações não-verbais entre os frequentadores: sua produção; seu uso; efetividade; as regras oriundas delas, por exemplo, como elas regem a aceitação ou recusa de trocas afetivas e sexuais. Além do trabalho de campo, tenho como suporte à análise: etnografia virtual em grupos do Facebook – cujos usuários, supostamente, são frequentadores de cinemas de pegação – diálogos com nativos do Cine Rex e uma entrevista escrita, via WhatsApp, aproximadamente 2h de duração. Ancoro minha análise no trabalho de J. L. Austin (1962) acerca dos atos de fala, por compreender, assim como Díaz-Benítez (2007), que gestos e movimentos podem produzir efeitos similares àqueles que percorrem o esquema tríplice de Austin para caracterização de algo enquanto ato de fala. Uma vez que interações não-verbais como os gestos, por exemplo, são a principal, e muitas vezes única, forma de comunicação, apresentarei meu estudo no que diz respeito à aceitabilidade do flerte e as formas de recusa possíveis que se traduzem por gestos – performativos – de aproximação, toque, permanência e saída do local. A recorrência (percebida) destes performativos em tal contexto, indica certo acordo tácito que passaria a reger o comportamento e a comunicação dos frequentadores do Rex.

Alexandre Florencio dos Santos
PUC-Rio
aflorencio_br@msn.com

Discurso, raça e religião: o papel da fé protestante na construção identitária de cristãos evangélicos brasileiros e estadunidenses.

Diversos estudos no Brasil têm apontado para o fato de que quando se deseja discutir – no âmbito das igrejas evangélicas brasileiras – os modos como os afrodescendentes evangélicos tratam o problema do racismo, da discriminação e da condição desigual entre indivíduos negros e brancos na sociedade atual e ao longo da história, os mesmos frequentes vezes mudam o foco temático, desviando-se do assunto intencional ou inconscientemente (SANTANA, 2010; PEREIRA, 2008; BURDICK, 1999). Tal fenômeno parece não ser assim no contexto norte-americano, onde a esfera religiosa influenciou fortemente (PAIVA, A.R., 2010). Pesquisas recentes sugerem que uma das explicações para este fenômeno discursivo no contexto brasileiro seja a concepção de que o tratamento desse assunto poderia promover um cisma racial dentro das igrejas de diferentes denominações, onde pessoas negras e pardas estariam imunes

aos efeitos do racismo e do preconceito racial que, não obstante “se manifestam no cotidiano das relações pessoais, na mídia, nas empresas, nas escolas e universidades (...), nos hospitais, clínicas médicas e postos de saúde, nos tribunais, nas delegacias, nos processos eleitorais e mesmo, infelizmente, no interior das famílias” (PAIXÃO, 2006: 25-26). Partindo de dados gerados para nossa pesquisa de doutorado - em andamento - buscarei discorrer sobre que discursos mais caracterizaram essa religião tanto aqui quanto nos Estados Unidos, bem como de que modo seus valores se mesclaram com a negritude para configurar as identidades de pessoas afrodescendentes evangélicas de ambos os países.

Palavras-chave: discurso, religião, identidade.

Almerindo Cardoso Simões Junior
UERJ
acsimoesjr@yahoo.com.br

**“Busco trocar ideia e papo com homens que tenham jeito de homem, ok?” –
Marcas dos discursos de homens que buscam encontros com homens na internet.**

Mediados pela tecnologia em quase todos os ambientes em que vivemos, os *sites* de relacionamento e aplicativos de encontros são cada vez mais presentes como lugar de socialização de vários grupos. Nos discursos do ciberespaço, entretanto, em especial entre os homens que buscam encontro com outros homens, observamos algumas constantes em seus textos de apresentação, uma das primeiras formas de exposição, de saída do mundo virtual para o real. Há uma supervalorização do masculino, da juventude e do acesso a determinados bens. Esses sujeitos são veiculadores de discursos que possibilitam enorme entrecruzamento de informações, reverberando relações de poder. Partindo do pressuposto da Semântica Global, conforme proposto por Maingueneau (2005), procuro analisar os diversos discursos produzidos por esses sujeitos, entendendo que tais discursos estão submetidos a um conjunto de regras que regem as suas dimensões e funcionam como uma rede de restrições, vinculados a certos posicionamentos – lugares de produção dos quais derivam identidades enunciativas e inseridos em contextos históricos, políticos e sociais.

Palavras Chave: Discurso, Masculinidades, Virtual.

Célia Elisa Alves de Magalhães
PUC-Rio
elisa.celiamaagalhaes@gmail.com

**Conarração em reunião pedagógica: Um estudo autoetnográfico
sobre a relação família-escola no contexto da avaliação**

No cenário escolar onde atuo como professora de inglês, as questões associadas à avaliação da aprendizagem constituem-se em um assunto recorrente em nossas reuniões pedagógicas, e em fonte de tensões e conflitos na relação família-escola. Por isso, neste estudo autoetnográfico, recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, reflito

sobre a relação família-escola no contexto da avaliação da aprendizagem. Para tanto, direciono o meu olhar para a narrativização de uma experiência do meu cotidiano profissional relacionada ao processo de avaliação. A experiência é reelaborada de forma colaborativa na interação em uma reunião pedagógica do grupo de professores de inglês do qual faço parte em uma escola privada de Ensino Infantil, Fundamental e Médio do estado do Rio de Janeiro. Nesta pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa, apoio-me em estudos canônicos e interacionais, articulados à teoria dos posicionamentos de Bamberg (1997), para a análise da conarração no cenário discursivo partilhado por mim e meus colegas docentes. Os resultados sugerem que, no referido contexto de pesquisa, a conarração nos permite construir entendimentos sobre o nosso fazer pedagógico, sobre os alunos e sobre os pais de alunos para repensar a relação família-escola e rediscutir aspectos do processo de avaliação da aprendizagem. Os entendimentos que construímos indicam que nós, professores, e os pais de alunos/alunos não partilhamos das mesmas percepções no que tange às responsabilidades de docentes, discentes e família no processo de avaliação. Por fim, os dados sugerem a necessidade de reconfigurações na relação família-escola no sentido de evitar a culpabilização de uma das partes por resultados insatisfatórios nas avaliações.

Palavras-chave: conarração, reunião, avaliação, família-escola.

Clarissa França
PUC-Rio
clarissafranca@outlook.com.br

Análise de histórias de vida a partir das lentes da resistência: uma experiência autoetnográfica na construção da pesquisa acadêmica

Nesta comunicação, pretendo apresentar um trabalho que realizei logo após minha defesa de mestrado (abril/2018), cujo principal objetivo foi refletir sobre a importância da autoetnografia na pesquisa em Análise de Narrativas e socioconstrução de identidades, tomando como ponto de partida minha própria experiência com a pesquisa autoetnográfica durante o mestrado. Eu iniciei o trabalho com um breve resumo sobre a pesquisa-fonte; desenvolvo uma seção de análises interacionais, retomando o estilo analítico empregado na pesquisa (com base em GOFFMAN, 1988; LINDE, 1993; EWICK & SILBEY, 2003; REIS & LOPES, 2017, entre outros); e abro uma segunda seção analítica, desta vez, com uma narrativa autoetnográfica (apoiando-me em ROBERTS, 2004; WOLCOTT, 2004; WALL, 2008; MÉNDEZ, 2013). Apesar de seguirem linhas teóricas distintas, ambas as análises são guiadas pela metodologia qualitativa e interpretativista (BASTOS & BIAR, 2015; DENZIN & LINCOLN, 2006). Os resultados das análises corroboram o potencial de resistência das histórias de vida e mostram minha busca por construir uma pesquisa com caráter político.

Palavras-chave: autoetnografia, histórias de vida, narrativas de resistência, estigma, práticas religiosas de matriz africana.

O dispositivo da maternidade em ‘Tudo sobre minha mãe’ e suas possíveis ressignificações sócio-discursivas: entextualizações e processos escalares

A maternidade, aqui contemplada como um dispositivo que molda condutas e dá sustentação à família nuclear, está sujeita a mutações e reapropriações. Tendo-o em tela, propõe-se pensar em que medida o filme ‘Tudo sobre minha mãe’, ao desnaturalizar performances de maternidade, bem como de gênero e sexualidade, estimula a reflexividade sobre o tema em questão e enseja possíveis ressignificações. Para isso, foram selecionados dois momentos da trajetória textual (BLOMMAERT, 2005) que o filme vem percorrendo. A análise, que privilegia, em termos de construtos teórico-analíticos, processos escalares (BLOMMAERT, 2010; CARR & LEMPERT, 2016) e entextualizações (SILVERSTEIN & URBAN, 1996; BAUMAN & BRIGGS, 1990), aponta que grande parte das desestabilizações que a narrativa fílmica promove inspiram posicionamentos que, na maioria das vezes, ratificam-nas e logram expandir o conceito de maternidade para além das associações de ordem biológica e instintiva (THURER, 1995; FIDALGO, 2003), que prevalecem no senso comum.

Palavras-chave: Almodóvar, dispositivo, performances de maternidade, processos escalares, entextualização

Daniela M. de Souza
UFRJ
daniela.marcias@gmail.com

Performatividades trans incomodam? Quando a vida em público é passível de violência

O objeto de estudo deste trabalho consiste em textos midiáticos digitais sobre a representação dos corpos trans na novela “A Força do Querer”, da Rede Globo. O objetivo é lançar o olhar para a performances dos/as personagens Ivan e Ivana, Elis Miranda e Nonato situadas em espaços públicos, as quais entremeiam significativos índices de violência. Pretende-se observar: De que forma a transfobia é representada? Quais discursos são utilizados para justificar, motivar ou endossar atos de violência? Quais afetos são levados em conta? As noções de vergonha, medo, melancolia, solidão e trauma estão envolvidas? O olhar para os dados, coletados em portais de notícia online, leva em conta a entextualização e os índices de indexicalidade envolvidos na trajetória textual da cena da novela para o texto jornalístico. O suporte teórico que guiará nossas análises e discussões apresentará, de forma interdisciplinar, um diálogo entre teoria social (BUTLER, 2016, 2010; PRECIADO, 2015) e os estudos linguísticos (BLOMMAERT, 2010; SILVERSTEIN, 2005). Em uma breve reflexão sobre as análises concluímos que os índices de violência privilegiam representações de violência física, ou seja, a que pode ser observada desde o aspecto da coletividade, de um imaginário social, e não individual ou psicológico, refletindo os números sobre a LGBTfobia que se concentram em tratar de modos de ação sobre o corpo físico palpável, que morre e se fere. As motivações de violência pautam-se no quadro

regulatório de gênero, sobretudo na aparência. Os afetos são levados em conta, indexalizam expressões do corpo orgânico, subjetivo, individual. Observadas ambas representações, da violência e dos afetos, é possível retomar, de Nealon (2001), o conceito de “foundling”, uma alegoria para o movimento entre ser solitário e participar de certa coletividade. Pois, os afetos individualizam o corpo trans, a violência, no entanto, coletiviza-os, tornando-os representativos dos números LGBTfóbicos.

Palavras chave: Corpo Trans, Novela, LGBTfobia, Trajetória Textual, Afeto.

Débora Muramoto
PUC-Rio
muramoto.debora@gmail.com

Atravessamentos entre gênero e horizontalidade em narrativas de ocupação

As ocupações de escolas estaduais de 2016 no Rio de Janeiro acenderam uma fagulha de resistência entre secundaristas. Partindo desse contexto e considerando que atos humanos possuem significados culturalmente estabelecidos (Bruner, 1997), esta pesquisa analisa a articulação entre gênero e horizontalidade das falas de ocupantes secundaristas em entrevistas de pesquisa semiestruturada. Tomando o contexto da ocupação como uma comunidade de prática (Eckert, 1999; Eckert e McConnell-Ginet, 2013) constituída por elementos marcados pela masculinidade/feminilidade heteronormativas, examinaremos como sentidos e identidades, ancorados em elementos da cultura generificada das sociedades ocidentais, se constroem em narrativas sobre a ocupação, focalizando como gênero e poder (Cameron, 1998; 2005; 2018) orientam tais construções. No intento de articular as esferas *micro* e *macro* da vida social, adota-se a perspectiva Sociointeracional (Goffman [1959] 2002; [1964], 2013; [1955], 1972; Gumperz, [1982] 2013) e os Estudos da Narrativa, situadas no paradigma qualitativo e interpretativista da pesquisa. A análise foca nas narrativas coconstruídas nas entrevistas, pois as compreende como um espaço de criação e negociação dos significados que transitam no âmbito macrossocial. Os resultados apontam para estratégias narrativas que procuram justificar discursivamente as interferências na horizontalidade, responsabilizando as circunstâncias por atitudes assimétricas dos participantes. Nota-se que o caráter generificado do discurso, relacionado com cenários onde o binarismo das categorias “homem” e “mulher” persiste, ainda sustenta lugares socialmente marcado. Em contrapartida, percebe-se que o letramento social da ocupação, que trouxe a horizontalidade como possibilidade normativa, gerou questionamentos que promoveram posturas agentivas, contrárias à lógica tradicional patriarcal. Por fim, esta dissertação levanta um debate crítico e multidisciplinar, que convida à reflexão sobre as possibilidades práticas de, no espaço escolar, se desconstruir paradigmas de gênero muitas vezes problemáticos e potencialmente limitantes para a realização subjetiva do *eu*.

Palavras-chave: gênero, horizontalidade, ocupação, identidade, narrativas

Fabiana da Conceição dos Santos
UERJ
fabiana.santos@ifms.edu.br

Título: “Língua (s) e os processos de identificação de estudantes na fronteira Brasil-Bolívia”

Este trabalho denominado “Língua (s) e os processos de identificação de estudantes na fronteira Brasil- Bolívia” é um recorte de uma pesquisa de mestrado que está em desenvolvimento. O estudo propõe uma reflexão, a partir das análises de entrevistas, sobre os processos de identificação de alunos bolivianos que estudam em uma escola brasileira de fronteira, a escola Estadual Dom Bosco, assim como sua relação com a (s) língua(s) que circulam na região fronteiriça de Corumbá e Puerto Quijarro, fronteira do Brasil com a Bolívia. Para o desenvolvimento deste trabalho nos ancoramos nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1990 [1969]) e nos conceitos de língua fluida e língua imaginária (ORLANDI, 1988).

Palavras-Chave: língua (s), fronteira, processos de identificação, Brasil, Bolívia.

Felipe Duarte Pinheiro
UNIRIO
Felipe.duartepinheiro@gmail.com

Tradução de mangás e apagamento de identidades não binárias: um estudo de caso

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e criticar a forma como o elemento *queer* presente no mangá 宝石の国 (Houseki no Kuni), de Haruko Ichikawa, cujas personagens não possuem gênero especificado, foi mantido e/ou apagado em suas traduções; assim como discutir os obstáculos presentes na tradução desses elementos para uma língua gramaticalmente generificada como a Língua Portuguesa. Considerando o tradutor como autor e construtor de significado (ARROJO, 1992; VENUTI, 1986) e com base em teorias dos Estudos da Tradução *Queer* (LEWIS, 2010), foi feita uma análise comparativa entre três diferentes traduções: a versão norte-americana, publicada pela Kodansha Comics; uma tradução amadora, também norte-americana, feita por intermédio de *scanlation* (prática em que fãs digitalizam o texto-fonte, o traduzem e disponibilizam na internet); e uma versão amadora em Língua Portuguesa, feita também por meio de *scanlation*. A análise dos dados demonstra que, apesar de a Língua Inglesa oferecer a possibilidade de manter-se a neutralidade de gênero, dentre os textos-meta, apenas na tradução “oficial” norte-americana foi mantido o elemento *queer* presente no texto-fonte. Tanto a tradução amadora para a Língua Inglesa quanto a para a Língua Portuguesa optaram por designar o gênero feminino às personagens do mangá, eliminando completamente a possibilidade de uma leitura *queer*. Contudo, a natureza binária do gênero gramatical dessa última impõe um grande desafio à realização de uma tradução *queer* do texto-fonte. Logo, esta pesquisa propõe formas tradução que desestabilizem essa categoria, tida como natural e pouco problematizada (BORBA & LOPES, 2018), de forma a dar visibilidade às pessoas não

binárias ante a marginalização e apagamento causados por uma linguagem heteronormativa.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, linguagem, tradução *queer*, mangá.

Flávia Correia Lima Huber Costa
PUC-Rio
flaviahubercosta@hotmail.com

Homofobia no contexto militar: a construção dialógica do armário

A pesquisa aborda, por meio da análise de narrativas (Bastos, 2003; 2008; Bastos e Biar, 2015), a construção dialógica (Bakhtin, 1979) do armário gay (Sedgwick,[1993]2007) como um dispositivo regulador do comportamento social nas instituições militares. A investigação, em andamento, está sendo realizada através de uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram gerados em entrevistas de pesquisa com de militares que se identificam como homossexuais. Na narrativa apresentada nesta comunicação, o entrevistado, ao mesmo tempo em que relata como o armário é um instrumento social que normatiza a conduta de cadetes em uma escola de formação militar, constrói sua identidade através de um olhar retrovisor (Mishler, 2002) sobre o enredo de sua história de vida (Linde, 1993). Os resultados iniciais apontam que: (i) o assédio moral é a principal consequência sofrida pelos militares que voluntariamente (ou forçadamente) saem do armário ou por aqueles cujas performances sexuais e identitárias, mesmo quando não declaradamente gays, estão sob a mira da vigilância heteronormativa (Louro, 2004, Borrillo, 2010); e (ii) as narrativas de um indivíduo não pertencem a ele somente, mas também a um grupo, formando assim a memória institucional (Linde, 2009). Por fim, o estudo assinala que o preconceito presente no contexto militar provém de tradições socioculturais que negam a fluidez dos gêneros e das sexualidades e se articula nas interações intrapessoais.

Palavras chave: Diversidade, Discurso, Homofobia, Militar, Dialogismo.

Gabriel Gama de Oliveira Brasilino
PUC-Rio
gabrielgamabrasilino@gmail.com

Interpretações: drogas, violência e linguagem nas Relações Internacionais

13 de novembro de 2015. Abdelhamid Abaaoud, nacional da Bélgica; Salah Abdeslam, nacional da França nascido em Bruxelas; e seu irmão Brahim Abdeslam, que explodiu a si mesmo próximo a um Café, coordenaram “ataques terroristas” quase simultâneos em diversos pontos da capital francesa, que ficaram conhecidos como os “ataques de Paris”. Tais crimes reascenderam o debate sobre terrorismo, não apenas na França e na Europa, mas também nos EUA, no Brasil e diversos países. ‘Terrorismo’ é um conceito altamente disputado, não só na academia – no Direito, nas Relações Internacionais, nos Estudos Críticos de Segurança, na Antropologia, como também no jornalismo, na política institucional e até no discurso comum (Asad, 2007; Greenshaw, 2010; Pasha, 2010). Deveria ser aplicado somente para atores não-estatais? Quais são seus efeitos políticos? Quais são as justificativas e como são moralmente justificadas as

práticas de violência? Segundo Johann Hari (2016), “home-grown terrorism”, isto é, o terrorismo contemporâneo criado na França – e no Ocidente de forma mais geral – pode ser explicado, em parte, como efeito da “extrema” e “racista” política de “guerra às drogas”. Em outras palavras, às práticas de violência (política) do próprio Estado contra parte da população, em especial imigrantes e descendentes de imigrantes árabes e/ou muçulmanos. Nesse sentido, o objetivo principal desse projeto é pesquisar a relação entre a política de “guerra às drogas” na França, os atentados terroristas de 2015 e a “guerra contra o terrorismo” dos governos Hollande e Macron. A proposta não é, então, sugerir uma nova definição para o terrorismo, mas acessar “discursos” (Foucault, 1971; 2003) e “textos” (Derrida, 1997; 2001) relacionados aos “ataques de Paris”; ao terrorismo e à guerra enquanto formas distintas de violência política. A ideia é fazer uma certa leitura/escrita sobre esse “evento” (Foucault, 2001) e esse “contexto” (Derrida, 1991) na França e nas relações internacionais.

Palavras chave: “Ataques de Paris” (2015), “Guerra contra o terrorismo”, Discurso, Texto, Relações de Poder

Gabriel Merlim Moraes Villela
CEFET/RJ
merlimgabriel@gmail.com

DOCUMENTOS JURÍDICOS E A PRODUÇÃO DE DISCURSOS DE MÍDIAS NEGRAS LGTB: DIÁLOGOS COM O PDC 234/2011

O objetivo geral do projeto de pesquisa maior, no qual se insere a pesquisa PIBIC-EM, em andamento, é analisar discursos presentes em diversas escalas da sociedade, materializadas por meio de diferentes gêneros de discurso, a partir das suas relações com mídias negras não hegemônicas, e que, por se apresentarem em grupos de minoria representativa, estão fora do centro hegemônico, tanto de poder quanto midiático. Nesta apresentação, propomos um recorte que oferece uma análise do Projeto de Decreto Legislativo nº 234/2011, conhecido popularmente como o projeto da “cura gay”, - que influenciou diretamente a produção de enunciados homofóbicos, assim como também gerou enunciados contra as proposições anteriores, onde muitos surgiram por meio dessas mídias contra-hegemônicas. Para isso, adotou-se como referencial teórico a análise do discurso na vertente enunciativa (Maingueneau, 2013), a concepção bakhtiniana de dialogismo (Bakhtin, 2016), das relações de poder e saber, segundo Foucault (2005), e a concepções de LGTBfobias, com enfoque na homofobia e suas relações com outros preconceitos que se sustentam como base de um sistema de hierarquizações, tanto de desejos sexuais quanto de gênero (Borrillo, 2010). A partir disso, busca-se trabalhar as relações hegemônicas na sociedade, quando são abordadas questões da comunidade LGTB. Pretendemos, pois, perceber de que modo tais questões se materializam discursivamente, gerando respostas dessa comunidade em mídias próprias, a partir da análise desse documento legal que afeta o meio social e que, por isso, interfere diretamente em direitos, ou nas suas perdas, e contribui para a legitimação de determinadas ações dos cidadãos. A escolha deste tema se deve a uma necessidade de aproximação de estudos da área da linguagem com conceitos da Antropologia, e pelo poder de intervenção que têm os documentos legais.

Palavras-Chave: LGTBfobia, Mídias Negras LGTB, Análise do Discurso, Meio Jurídico.

Gabriela de Paula Almeida
CEFET/RJ
gabipalmeida03@gmail.com

A influência das mídias negras no agendamento da mídia hegemônica: análise discursiva do “caso Caio Batalha”

Sabe-se que, atualmente, o movimento negro tem se reinventado, sendo inegáveis seus muitos avanços na primeira década do século XXI, no que tange ao combate ao racismo e à promoção da igualdade racial no Brasil. Em paralelo, segundo o IBGE há um aumento no número de cidadãos brasileiros que se autodeclararam pretos. Contudo, infelizmente, a denúncia a casos de racismo é uma crescente na mídia negra. Com o advento da internet e das Redes sociais, o Facebook revela-se como uma ferramenta, seja para divulgar, noticiar ou denunciar por meio de milhares de compartilhamentos, que tornaram possível dar voz a pessoas que anteriormente eram meros anônimos. Os textos publicados trazem as mais diversas pautas, como apropriação cultural, invisibilidade do negro, feminismo e outros temas provenientes do movimento negro, que acabam por influenciar a agenda da mídia hegemônica. A partir do exposto, trouxemos para esta apresentação análise que versa sobre um recente caso de racismo denunciado no Facebook: o estudante e músico Caio Batalha, estudante do CEFET/RJ, de 18 anos, acusado injustamente de roubar uma mulher, dentro de um coletivo no Rio de Janeiro. O relato-desabafo feito pela mãe do rapaz - que obteve mais de duas mil curtidas e seiscentos compartilhamentos - chamou atenção da mídia, sendo noticiado pelo jornal Extra, em julho de 2018. Caio, após todo o ocorrido, transformou a situação em música, compartilhando um vídeo em seu perfil, no qual canta uma música autoral, sobre o contexto atual e a omissão das pessoas perante às situações cotidianas. Nossas análises têm como aporte teórico o dialogismo (Bakhtin, 2016), a análise do discurso na vertente enunciativa (Maingueneau, 2013), e o conceito de linguagem-intervenção (ROCHA, 2014). Com essa pesquisa, buscamos fomentar o debate sobre a temática do racismo dentro e fora da escola, sob a ótica de um aluno da instituição.

Palavras chave: Racismo, Facebook, Análise, Negro.

Giselle Almada Souto
UERJ/FFP
giselle_almada@hotmail.com

Vozes silenciadas: contradiscursos na sala de aula de língua inglesa

O presente artigo traz os primeiros resultados da pesquisa em curso, cujo objetivo é analisar os discursos cotidianos dos alunos, principalmente os contradiscursos relacionados à língua inglesa e à escola, tomada aqui como lugar de administração de saberes e corpos (BOURDIEU, 1985, 2008; FOUCAULT, 2004). A pesquisa teve como *locus* investigativo minha turma do quinto ano do ensino fundamental – 1º segmento. Proponho fazer a escuta dos alunos na sala de aula de língua inglesa, visto que nesse

espaço pode se operar a violência simbólica, que silencia as vozes e os afetos dos alunos, administra-lhes os corpos e apaga, na rede de memória, o que há de constituinte em suas subjetivações, que, por sua vez, mobilizam uma formação ideológica. A análise dos dados será feita à luz da Análise do Discurso de filiação francesa, onde buscaremos atravessar a opacidade dos dizeres para neles flagrar a formação discursiva que materializa. Tal opacidade se constrói numa suposta relação termo a termo entre palavras e fatos, considerada direta e transparente sem espaço para equívoco e/ou dúvida (PÊCHEUX, 2009). A sala de aula de LE, vista como acesso à cultura(s), poderia, ainda numa hipótese teórica, ser observada pelo outro ângulo da falta de identificação dos alunos com os discursos oficiais da língua alvo e da escola, que silencia a voz do aluno e projeta a voz da instituição, naturalizando um sentido sobre a sobreposição da cultura do outro. A proposta da pesquisa é inserir o sujeito em múltiplas culturas e propagar a interação social, essencialmente por meio da linguagem, visto que esta interação se dá num processo de produção de sentidos, que implica em relações de poder (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 2005).

Palavras-chave: subjetividade, contradiscursos, escola, sala de aula, língua inglesa

Gláucia Almeida Reis Blanco
CEFET-RJ
glauucia.comunica@gmail.com

Reescrevendo as Páginas dos Jornais: o impacto das redes/mídias negras digitais na agenda da mídia tradicional no Brasil

Dentro do contexto atual, em que o discurso se configura como uma importante ferramenta na disputa pelo poder no espaço público, o objetivo desta pesquisa é abordar de que modo as mídias/redes negras digitais atuam como pontos de heterogeneidade e resistência ao discurso do consenso racial brasileiro, construído com ajuda da mídia hegemônica no país. Para isso, partimos da análise discursiva de um cenário de disputa de narrativas, onde essas redes se tornam decisivas para promover fissuras na agenda midiática e quebrar o silenciamento imposto às vozes e pautas negras no país. A escolha do tema se justifica pela necessidade de discutir o papel histórico do jornalismo na (re)produção do racismo no Brasil e, numa interseção entre os campos da Antropologia e da Comunicação, compreender como a cultura do fazer jornalístico impacta no pensar o mundo, na organização do real e das vozes autorizadas, e como os procedimentos de elaboração das notícias contribuem para produção do racismo no Brasil através de mecanismos de “selecionar/privilegiar certos dados, eliminar/subalternizar outros” (Morin, 1986. p. 111). Para isso, recorreremos aos conceitos de necropolítica e biopolítica a partir dos pensamentos de Mbembe (2017) e Foucault (2005), à discussão sobre a máscara do silenciamento feita por Kilomba (2016) e aos conceitos de valores-notícia e critérios de noticiabilidade organizados por Traquina (2013). Numa perspectiva dialógica do discurso, tentamos pensar como os discursos de resistência advindos do meio digital afetam os enunciados das produções jornalísticas da mídia tradicional, num movimento de contra-agendamento de pautas. Temos como central o conceito de linguagem-intervenção (ROCHA, 2014) em que a linguagem age sob a dupla função de representar e intervir no mundo, sendo, pois, uma importante ferramenta na construção de discursos contra-hegemônicos dentro de um sistema social de desigualdade racial.

Palavras chave: silenciamento, mídias/redes negras digitais, contra-agendamento, discursos de resistência, linguagem-intervenção.

Isabel de Souza Ribeiro
CEFET/RJ
isabelribeiro.cefettur@gmail.com

Victoria Paz dos Santos
CEFET/RJ
vicpazsantos@gmail.com

O discurso e a disputa de poder: análise de documentos sobre as manifestações de 1968

O objetivo desta pesquisa é analisar como o discurso da mídia foi utilizado, nas manifestações de 1968, como ferramenta política, aspecto que estabelece sua importância e seu papel na disputa de poder. Para isso, analisaremos as duas publicações dos jornais “Correio da Manhã” e “Jornal do Brasil” do ano de 1968, com ênfase nas manifestações populares desse ano, realçando o que ocorria ao redor do mundo, mas dando maior destaque aos acontecimentos no Brasil. O tema em questão foi selecionado devido à sua relevância e pertinência do papel da mídia nos dias atuais, em que é comemorado o marco histórico do 50º aniversário dos eventos observados, havendo, todavia, a manutenção do poder da imprensa diante da população até os dias de hoje. A partir de uma perspectiva que visa fazer dialogar um olhar antropológico com os estudos do discurso, adotamos, como referencial teórico-metodológico, os princípios da análise do discurso de Maingueneau, o dialogismo bakhtiniano presente na linguagem, e as contribuições de Foucault para a análise do discurso por meio da *Ordem do Discurso*. Os textos dos jornais são analisados em função dos acervos digitais disponibilizados na internet. A pesquisa ainda está em andamento e, por isso, não apresenta resultados ou considerações finais. As análises parciais conduzidas até aqui, no entanto, permitem perceber as estratégias adotadas pelos procedimentos editoriais dos jornais investigados, assim como a consolidação de um posicionamento ideológico nas memórias coletivas construídas a partir das ocorrências relatadas naquele recorte temporal. Sendo assim, tais elementos estão associados às ideias de construção da memória social por intermédio do que é discursivamente produzido, como fato ou notícia, pelos meios de difusão de informação, ou seja, a mídia.

Palavras chave: Análise do Discurso, Ditadura Militar, Manifestações Populares, Discursos Jornalísticos, Linguagem.

Jacqueline Teixeira
PUC Rio
jteixeira_22@yahoo.com.br

Narrativas caiçaras: discurso e identidade de uma comunidade em desalinho

Como membro do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação Diferenciada – Nepedif – do Colégio Pedro II, que tem como um dos objetivos contribuir para a

construção de um projeto de reorientação curricular para as escolas do primeiro segmento do Ensino Fundamental em territórios caiçaras, participei, com o grupo de pesquisadoras, de ações que visaram à aproximação, especificamente, com a comunidade do Pouso da Cajaíba, Paratiy – RJ. Tendo em vista o interesse em construir conhecimento sobre ela – quem é, como vive, seus anseios, lutas e privações – realizou-se uma microetnografia (ERICKSON, 2004) de um *evento de letramento* (SOARES, 1999) a partir da exibição do filme “*Narradores de Javé*”, de Eliane Caffé, devido à aproximação temática entre a ficção e a realidade da própria comunidade. Através das pequenas narrativas (BAMBERG e GEORGAKOPOULOU, 2008; BASTOS, 2009) que emergiram nesse encontro, procurou-se investigar como os participantes construíram-se discursivamente, buscando compreender a complexidade identitária da comunidade em foco: entre o tradicional e o moderno. Alinhando-se aos Estudos Culturais, apresenta, também, como suporte analítico e interpretativo, as reflexões de Bauman (2003) sobre comunidades e fronteiras, Skliar (2003), sobre colonialismo e multiculturalismo e Goffman (1988, 2002) sobre interação e face. O hibridismo cultural em que hoje vive essa comunidade pode ser observado através de micro-deslocamentos temporais – passado/presente – e espaciais – os de dentro/os de fora, o aqui /o lá – presentes nas narrativas, trazendo à superfície embates, resistências e contradições que delineiam o sentimento e a identidade dessa comunidade.

Palavras chave: Narrativa, Caiçaras, Identidade, Trabalho de face.

Leandro Marinho
UERJ
marinhos.leandro@gmail.com

As representações da guerra na CPI dos “Autos de Resistência”: discursos, imagens e política

O trabalho que aqui se apresenta tem por objetivo investigar as representações da guerra que foram acionadas por meio de discursos e imagens durante a Comissão Parlamentar de Inquérito dos “Autos de Resistência”, ocorrida na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) entre outubro de 2015 e junho de 2016, mesmo período de duração do trabalho de campo da pesquisa que dá origem a este texto. A partir da análise das interações ocorridas na CPI, busca-se compreender de que maneira estas representações assumem papel fundamental no exercício da política institucionalizada e para a produção de políticas públicas. Em última instância, o artigo evidencia como o Estado pode ser constituído como um produto das relações entre discursos e imagens, sendo forjado simultaneamente como uma construção discursiva e uma construção imagética.

Palavras chave: Representações, Imagens, discursos, auto de resistência, guerra.

Luciana Barreto
CEFET/RJ
barretoluciana@hotmail.com

Discurso de ódio contra negros nas redes sociais

Nas duas últimas décadas o Brasil passou a conviver com mudanças na formulação e execução de políticas públicas que beneficiaram uma parcela mais pobre da população. Ao mesmo tempo, houve um aumento sistemático do discurso de ódio nas redes. Os negros são o principal alvo deste discurso, liderando o ranking, como constata a ONG Safernet, uma organização que monitora crimes e violações de direitos humanos na web. Nossa hipótese é que a adoção de políticas de reparação e o aumento do discurso de ódio racial estejam interligados. O objetivo é analisar o comportamento dos referidos discursos e o que pode ser feito, em contrapartida, para combater o ódio contra essa parcela da população nas redes. O trabalho tem inspiração no *Teaching Tolerance*, uma plataforma com programas de apoio aos professores do Alabama para combater o discurso de ódio nas escolas, um dos muitos programas para combater a hostilidade e a violência contra minorias que pude conhecer pessoalmente nos Estados Unidos durante a gestão de Barack Obama. Esta pesquisa acadêmica faz uso do conceito de dialogismo de Bakhtin e entende o ódio como um sistema de exclusão, conforme nos ensina o filósofo francês de origem grega, Cornelius Castoriades. Trabalhamos também o conceito de raça como uma construção discursiva, de Stuart Hall. Nossa investigação será feita por amostragem em um canal específico da web.

Palavras chave: discurso, ódio racial, racismo, intolerância.

Luana Fontel Souza
Universidade Federal do Rio de Janeiro
fontelufrij@gmail.com

Mulheres mães na academia: Performances discursivas do feminino desterritorializado

Este trabalho está sendo realizado no intuito de discutir o processo da produção narrativa de mulheres que experienciaram a maternidade simultaneamente a cursos de graduação e/ou pós-graduação considerando a perspectiva da Linguística Aplicada INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006). Objetiva demonstrar a capacidade do discurso de evocar fatos e posicionamentos na Modernidade Recente (RAMPTON, 2006) de como o sujeito constrói suas subjetividades através de processos discursivos situados e dessa perspectiva, busca investigar como os sentidos de gênero e sexualidade, raça, e classe social se interseccionam na construção da experiência de mães no contexto acadêmico problematizando nesses espaços questões de opressão e agência das mulheres. Partindo do pressuposto que instituições sociais advindas de modelos patriarcais, como a universidade, não oferecem suporte para a existência e permanência de mulheres em seus territórios (HARAWAY, 2004), problematiza-se que o espaço acadêmico, assim como a produção científica ainda se institui sobre interdições e desautorizações a determinados corpos e subjetividades. Para isso foram utilizados os suportes metodológicos para a análise da performance narrativa (AUSTIN, [1962]1990; DERRIDA, [1972] 1988), através de pesquisa de campo em ambiente virtual (HINE, 2000 e 2005) onde os dados são transmitidos através de conversas em texto escrito e áudio no whatsapp além de interações em redes sociais com os perfis dos sujeitos de pesquisa. Para o esboço de análise sob o qual a pesquisa tem se desenvolvido, considero ainda o suporte dos estudos em cartografia (GUATARRI & ROLNIK, 1986) ao pensar movimentos de territorialização e desterritorialização da mulher ao engravidar no decorrer dos cursos de graduação e pós-graduação. Quanto recurso analítico, proponho uma base nos estudos sobre ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006 e 2010) e

como elas são mobilizadas apontando para uma reflexão sobre as capacidades da linguagem na construção de ideologias e realidades sociais.

Palavras chave: maternidade, universidade, feminismo, discurso, etnografia virtual.

Marcos Aragão Couto de Oliveira
PUC-Rio
maragaoc@gmail.com

**“Discriminação sofrida por pessoas LGBT no ambiente de trabalho”
Uma análise de discurso da Reportagem Especial do TST**

O objetivo do trabalho é uma análise crítica de uma Reportagem Especial do Tribunal Superior do Trabalho sobre a discriminação sofrida por pessoas LGBT. Dentro do contexto de uma pesquisa interseccional sobre o assédio moral trabalhista no Brasil pós reforma, foi necessário estudar a formação dos conceitos de discriminações e assédio antes da mudança lei. Reconhecendo que as formações discursivas além do direito são igualmente relevantes, escolhi essa reportagem que, apesar de ter sido produzida pelo TST, trata-se de instrumento de jornalismo e informativo. Com duração de pouco mais de 20 minutos, esse especial trata do combate às discriminações contra LGBT feita pelo sistema de justiça, mas tem características preocupantes em escolher casos profundamente diferentes sem considerar todos os aspectos relevantes, seja pela condição econômica, gênero, raça, religião, idade e até mesmo próprias questões de sexualidade. Meu trabalho é feito então com uma análise de discurso, também me utilizando de críticas interseccionais e decoloniais, questionando como o programa pode esforçar formas de dominação em sentidos antropológicos, sociológicos e jurídicos.

Palavras chave: Discriminação, interseccionalidade, decolonialidade, discurso, justiça.

Maria Paula Guimarães de Barros
PUC-Rio
mariapaulaguimaraes93@gmail.com

**PRÁTICAS INTERACIONAIS EM LIBRAS E PORTUGUÊS ENTRE A
FONOAUDIÓLOGA/PESQUISADORA E UMA ADOLESCENTE SURDA EM
UM AMBULATÓRIO DE SURDEZ**

Este estudo debruça-se sobre interações entre a fonoaudióloga/pesquisadora e uma adolescente surda, em Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, em atendimentos individuais no contexto de desenvolvimento do português escrito a partir da Libras. A partir das diferentes experiências culturais presentes na interação entre fonoaudióloga ouvinte e adolescente surda, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: (i) Como as atividades se diferenciam em relação a experiências da profissional e da atendida, considerando a ordem cultural e interacional nos atendimentos fonoaudiológicos? A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006), estruturada como um Estudo de Caso (Yin, 2001), com procedimentos da Microanálise Etnográfica (Erickson, 1996; Erickson e Schultz, 2002; Garcez, 1997). Como método para a geração de dados foram realizadas filmagens semanais das interações, de 40 minutos, no período de Março a Junho de 2018, além de anotações em

caderno de notas. Posteriormente, como procedimentos para a análise dos dados os vídeos foram transcritos (Starosky, 2011) e analisada a sequencialidade dos turnos. Nesse contexto, a fonoaudióloga atua como mediadora em atividades pedagógicas que objetivam a produção textual. O posicionamento teórico e analítico engloba: a) postulados dos Estudos Surdos (Skliar, 1998; Sacks, 1998; Quadros, 2006, 2007, 2016); b) Análise da Conversa em contexto institucional (Drew e Heritage, 1992; Sarangi e Roberts, 1999), conceitos da Microanálise Etnográfica (Erickson, 1996; Erickson e Schultz, 2002; Garcez, 1997) e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Goffman, 1964; Tannen e Wallat, 1987). A partir da análise dos dados, observou-se que as diferenças entre as experiências culturais tornam-se evidentes no momento em que a fonoaudióloga e a adolescente tentam negociar quais são os sinais mais adequados. O problema é solucionado quando a fonoaudióloga faz uso do sinal proposto pela atendida. Assim, notou-se como as experiências culturais e linguísticas dos participantes são negociadas e significadas na interação face-a-face.

Palavras chave: Estudos Surdos, Cultura Surda, Interação em contexto institucional, Fonoaudiologia.

Mariana Imbelloni Braga Albuquerque
PUC-Rio
mariana.imbelloni@gmail.com

De quantos caminhos faço essa palavra? – definições de mobilidade urbana por mulheres em movimento

A discussão do direito à cidade, sobretudo grandes cidades como Rio de Janeiro e sua região metropolitana, passa, indissociavelmente, pela discussão da mobilidade urbana. Para discutir quem se move na cidade e a que cidade acessa, contudo, é preciso trabalhar o próprio conceito de mobilidade. O crescente campo dos estudos de mobilidade aponta a importância de descolar o conceito do clássico deslocamento casa-trabalho, reducionista e limitador, buscando dar relevo aos diversos aspectos das vidas cada vez mais móveis das metrópoles. No mesmo sentido, os estudos feministas sobre o tema apontam como o foco no deslocamento casa-trabalho invisibiliza sobretudo os deslocamentos de cuidado, tarefa heteronormativamente relegada às mulheres, ignorando e precarizando parte fundamental dos trajetos feitos pelas mulheres na cidade. Tendo em conta tais trabalhos, minha pesquisa sobre mobilidade urbana busca partir da vivência cotidiana e narrativa de oito mulheres sobre sua mobilidade, sendo efetuada na etnografia destes deslocamentos. Percebo, contudo, já de partida que há uma diferença entre a mobilidade efetuada por estas mulheres e aquela narrada e definida por elas como suas rotinas de mobilidade. Há um sensível espaço entre a rotina que me narram e aquela que acompanho na etnografia do deslocamento. A introjeção do conceito de deslocamentos que contam ou não na vida cotidiana perpassa, provavelmente, tanto meu discurso quanto o delas, diferindo consideravelmente a mobilidade narrada e a vivida. Pretendo explorar aqui as tensões e significados dessa diferença na construção conceitual e prática da mobilidade urbana de/por mulheres, discutindo-a através da construção discursiva de mobilidade, a percepção hierarquizada de deslocamentos e a conceituação antropológica de cidade.

Palavras chave: mobilidade urbana, gênero, etnografia, análise do discurso, direito à cidade.

Mayara de Oliveira Nogueira Loyola
PUC-Rio
nogueiradv@hotmail.com

Roberto Perobelli de Oliveira
UFES/FAPES
robertoperobelli@gmail.com

A PESQUISA SOCIOINTERACIONAL DESENVOLVIDAS *POR E COM* CRIANÇAS

Partindo da premissa de que as crianças são atores sociais ativos que estabelecem interações significativas entre sujeitos e instituições ao mesmo tempo em que desenvolvem modos de agir no mundo, o presente trabalho evidencia resultados parciais de pesquisa desenvolvida *com e por* crianças do Ensino Fundamental da rede pública do município de Serra/ES em orientação UFES/FAPES ao longo dos anos de 2015-2018. Trata-se, portanto, do reconhecimento das falas e representações de mundo destes sujeitos como dados de pesquisa, isto é, do reconhecimento das crianças enquanto atores sociais capazes de falar *por si, sobre si e sobre o outro*. Com o arcabouço da Sociolinguística Interacional, Análise da Conversa e Análise da Narrativa palatáveis à idade dos pequenos, experiências típicas de um trabalho científico foram vivenciados pelas crianças em três campos ao longo dos três anos de investigação: (1) o universo do congo capixaba e seus ABCs-Culturais; (2) uma vila de pescadores que resiste à adversidades múltiplas; e, por fim, (3) uma comunidade composta majoritariamente por mulheres envolvidas com as marcas gráficas e pictóricas feitas nas folhagens pelas “Formigas Bordadeiras”. A escolha desses grupos se justificou pela necessidade, prevista nos PCNS, de os alunos do ensino fundamental construírem conhecimentos acerca da diversidade local e de suas territorialidades culturais. Dado tal direcionamento, os conceitos de *identidade* e *narrativa* guiaram a experiência de formação de uma consciência crítica e de pesquisa. Notas e diários de campo foram produzidos pelos pequenos pesquisadores-observadores dos cenários pesquisados com desenvolvimento de análises sociointeracionais a partir da observação participante. No trabalho que ora apresentamos trazemos como dados parciais um encontro ocorrido na escola em que as crianças discutiram entre si e entre os pesquisadores da universidade questões de gênero e símbolos mítico-religiosos suscitados por uma das participantes que representa a instituição investigada no terceiro e último ano da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da Conversa, pesquisa com crianças, protagonismo infantil, gênero.

Morgana Maria Pessôa Soares
UERJ
professoramorganapessoa@gmail.com

Acolhimento linguístico em curso: português com refugiados

A emergência decorrente da intensificação da migração forçada em todo o mundo, como temos acompanhado na mídia e redes sociais, configura as políticas e as práticas de acolhimento a refugiados. O que me instiga, além da questão humanitária que emerge em nosso tempo, é o reconhecimento de que estas que acolhemos são pessoas que, independentemente da identidade a elas atribuídas através da legislação pertinente – refugiados, solicitantes, apátridas etc – ou da língua de acolhimento, precisam se comunicar rapidamente com a sociedade para dar continuidade às suas vidas. O acesso à língua é mais do que o acesso a um instrumento de comunicação (DELEUZE; GUATTARI, 1995), mas de ordenamento também, ou seja, cada vez que enunciamos queremos convencer nosso interlocutor de alguma maneira, seja pelo mínimo fato de fazê-lo nos ouvir, até acreditar no que estamos enunciando e/ou seguir um caminho apontado pelo nosso enunciado. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o processo – em andamento desde 2015 através do Projeto de Extensão Português com Refugiados-Uerj – de concepção e produção dos materiais didáticos para o acolhimento linguístico aos refugiados do Rio de Janeiro. Usando o método da cartografia, que supõe, como ensina Giles Deleuze & Félix Guattari (2011), o mapeamento dos processos de produção de subjetividades a partir da associação com a imagem de um rizoma, analiso como as inferências semânticas (Ducrot, 1987) podem contribuir para o surgimento de estereótipos (Hall, 2016) perniciosos.

Naomi Orton
PUC-Rio
naomiorton@hotmail.com

A disputa pelo discurso nos movimentos sociais contemporâneos ditos horizontais: um estudo de inspiração autoetnográfica

A proliferação de movimentos sociais que se organizam em uma estrutura dita horizontal vem despertando a imaginação daqueles que questionam as formas atuais de fazer política. Esta tendência suscita a questão de saber se sujeitos diversos encontram voz em meio a esses grupos, ou se a horizontalidade persiste um construto utópico. No intuito de lançar luz sobre esta questão, esta pesquisa, em andamento, debruça-se sobre as lutas urbanas contemporâneas, tomando as práticas discursivas de cicloativistas engajados em grupos de debate no Rio de Janeiro como seu objeto micro, a partir de gravações feitas pela pesquisadora enquanto participante ao longo de 2016 (Mendez, 2013). Norteada por uma pauta contrahegemônica, o estudo propõe uma “escuta etnográfica” (Coelho, 2016), priorizando a seleção de narrativas de resistência contadas por ativistas mulheres, a fim de ouvir vozes tradicionalmente silenciadas e desestabilizar relações de poder presentes nas etnografias tradicionais (Velho, 1980). Sua microanálise tem por objetivo compreender a negociação de significados durante o engajamento na prática narrativa (Bamberg, 2006; Georgakopolou, 2006), bem como possíveis diálogos com as contingências macrossociais que posicionam os atores sociais de forma diferenciada nas interações (Moita Lopes, 2001). A análise indica que as performances identitárias das narradoras subvertem as normas sociais relativas ao gênero que circulam no nível macrossocial, desafiando assimetrias convencionais (Bucholtz & Hall, 2004, 2005; Butler, 1990; Cameron, 1992, 1998, 2005; Goffman, 1979). Isso posto, ao longo do evento narrativo (Bauman, 1986), os papéis sociais assumidos por elas, no contexto

de esfera pública (Fraser, 1997), são contestados pelos demais. Por meio de sobreposições de fala não cooperativas (Tannen, 2010 [1990]), aqueles favorecidos pelas normas de gênero se empenham em performances de masculinidade que sustentam relações desiguais. Nesse sentido, os fenômenos discursivos identificados constituem um conflito sutil pelo piso conversacional, pelo significado e pelo poder social (Bourdieu, 2002 [1977]; Cameron, 1998; De Fina, 2008). Assim, a pesquisa aponta para a urgência de direcionar um olhar crítico a eventual reprodução de agressões microdiscursivas nos movimentos sociais, com vistas a combater a exclusão implícita daqueles menos privilegiados e possibilitar a produção de práticas transformacionais (Camarena, 2013; Fraser, 1997, 2002).

Palavras chave: movimento social; gênero: resistência; narrativa; interação.

Natalia de Moraes Romão da Silva
CEFET/RJ
natyromao@yahoo.com.br

QUARTO DE DESPEJO: O entendimento entre o “despejo” de Carolina Maria de Jesus e o “despir” do feminino negra de alunas de uma escola privada.

Este projeto, em andamento, propõe-se, além de uma aproximação entre linguagem e a antropologia, a refletir, a partir das concepções de feminismo (Crenshaw 1994,2002; Bilge, 2009) e negritude (Bernd,1988) das alunas de uma escola particular do município do Rio de Janeiro, sobre a construção de identidades femininas negras positivas,por meio de oficinas que terão como suporte a obra *Quarto de despejo* da escritora Carolina Maria de Jesus. Para tanto nossos objetivo geral é desenvolver práticas do ensino de Língua Portuguesa que colaborem com abordagens identitárias positivas do feminismo e da negritude. E os específicos são: a) fomentar a discussão sobre a positivação das identidades negras femininas utilizando a escritora Carolina de Jesus, através da sua biografia, imagens e um recorte da sua obra *O quarto de despejo*, como dispositivo pedagógico; b) analisar a construção discursiva de identidades femininas negras por meio das falas das alunas do ensino fundamental. A fundamentação teórico-metodológica aporta-se nas práticas discursivas, entendidas como a maneira pela qual os sujeitos produzem sentidos para as vivências como as de violência racial. Alinhamos em nossa análise os conceitos de *alteridade*, *gênero de discurso e práticas discursivas* (Bakhtin, 1997; Maingueneau, 2008), *silêncio e silenciamento* (Lorde, 1976; Cavalleiro, 2003), autoestima nas crianças negras (Guimarães, 2013; Gomes, 2003) e identidade negra no espaço escolar (Gomes, 1996, 2003, 2006; Romão, 2016), além do conceito de *multiculturalismo* (Munanga, 1987, 2012). O presente trabalho pretende apontar para uma visão cada vez mais atenta às alunas negras, sua alteridade e história como pontapé para debates cada vez mais profícuos nos ambientes educacionais que combatam o racismo e respeitem à diversidade.

PALAVRAS CHAVE: Carolina de Jesus, Quarto de Despejo, espaço escolar, mulheres negras.

Raquel Freire
PUC-Rio
freireraquel.s@gmail.com

“É de certa forma uma prisão”: uma análise discursiva de narrativas cíclicas sobre dieta

O presente trabalho corresponde a um recorte de uma pesquisa de mestrado recém-defendida e visa analisar os aspectos linguísticos, discursivos e sociais de narrativas sobre dieta. As duas entrevistas selecionadas fazem parte de um *corpus* inicial composto por doze entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com universitárias que estavam sob assistência dietoterápica de nutricionista. Assim, busca-se compreender como os discursos sobre alimentação, corpo e saúde atuam na história de vida (Linde, 1993) dessas mulheres e como eles são significados através de suas narrativas. Adota-se a perspectiva SocioInteracional e a Análise da Narrativa (Mishler, 1991; Labov, 1972; Bastos, 2005;2008), situadas no paradigma qualitativo e interpretativista da pesquisa (Denzin & Lincoln, 2006). Realiza-se uma articulação teórica entre Linguagem, Filosofia, Sociologia, Antropologia e Nutrição, tendo em vista o caráter multidimensional da alimentação (Contreras & Gracia, 2011). A análise parte da situação microssocial por entender que ela é um espaço de construção, contestação e negociação dos significados que transitam no âmbito macrossocial (Bastos & Biar, 2015). Os resultados apontam as estratégias narrativas utilizadas pelas entrevistadas para se afastar de estigmas de cunho físico e psicológico. Observa-se também o aspecto cíclico dessas narrativas, relacionando o processo de “fazer dieta” a um percurso sem fim que busca atender expectativas construídas individual e socialmente sobre alimentação, corpo e saúde. Essas narrativas cíclicas moldam o sentimento de aprisionamento causado pelo controle rigoroso da alimentação, atuando na construção do sofrimento. Por fim, este estudo abre espaço para um debate crítico e multidisciplinar, visto que as práticas disciplinadoras do corpo e da alimentação podem culminar em transtornos alimentares e psicológicos, afetando a existência tanto individual quanto social.

Palavras chave: dieta, narrativa cíclica, sofrimento, alimentação, mulheres.

Roberta Calixto
CEFET/RJ
robertasc.santos@gmail.com

O que conta o conto? Discursos de raça e gênero nos livros premiados pela FNLIJ

O presente trabalho, recorte de dissertação de mestrado em fase inicial, tem como objetivo propor uma discussão sobre os livros premiados pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil (FNLIJ) na categoria infantil, procurando analisar de que modo/se

os discursos a respeito de gênero e raça são neles construídos, buscando estabelecer um diálogo entre os estudos da linguagem e perspectivas antropológicas. Para tal, após levantamento dos livros premiados, dois títulos foram selecionados. A análise parte do contexto da produção de livros infantis no Brasil contemporâneo, considerando o livro infantil como um gênero discursivo sobre o qual o debate vem ganhando relevo no cenário nacional, graças a movimentos conservadores como o Escola sem Partido, que propõem um retrocesso no que se refere à noção de infância construída em estudos recentes. Como referencial teórico, recorreremos aos Estudos do Discurso, dentro de uma perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN), tornando inseparável um discurso de outros discursos anteriores e posteriores a sua enunciação (MAINGUENEAU). Assim sendo, as construções discursivas de gênero e raça (GONZALEZ) dos livros infantis são indissociáveis de todas as demais enunciações já produzidas e em circulação na sociedade atual. A justificativa desta escolha análise se dá na medida em que entendemos que a literatura infantil ocupa um espaço importante na formação de crianças e que os discursos apresentados nos livros infantis serão decisivos na formação de seu repertório e determinantes na construção de uma visão não-sexista e antirracista. Sendo o prêmio da FNLIJ uma referência brasileira em sua categoria, os livros premiados nos dão um panorama do que tem sido considerado como “literatura infantil de qualidade”, e nossa hipótese inicial é um apagamento da discussão de raça e gênero, seguindo as tendências de documentos atuais no campo da educação como a BNCC.

Palavras chave: Literatura infantil, infância, gênero, raça, FNLIJ.

Rodrigo Coelho de Farias
PPCIS-UERJ
rodrigo.cfarias@gmail.com

A “partilha” como narrativa e a entrevista como “partilha” — O discurso em grupos de ajuda mútua

A apresentação tem como objetivo explorar algumas escolhas metodológicas em torno da identificação de discursos sociais em ambientes de ajuda-mútua para dependentes de amor e sexo anônimos. Enquanto seja possível argumentar com profundidade pela construção de moralidades e regulação de comportamentos sexuais tidos como anormais ou perigosos neste contexto, interessa investigar a passagem do discurso sobre sexualidade e afetividade para contextos específicos, e o que esta passagem nos diz sobre a chamada “hipótese repressiva” do sexo, “emoções” e a construção de um “ambiente terapêutico” proposto pelo grupo. Uma categoria mediadora — narrativa — é sugerida para realizar esta passagem, especialmente através de autores que destacaram aspecto cotidiano e essencialmente oral desta tipologia. Por fim, a apresentação empenha-se em comparar o método antropológico da entrevista semi-estruturada e a forma como se organizam as interações do grupo (“partilhas”), pelas formas como tematizam a intimidade individual e promovem diálogos em torno de fantasias.

Palavras chave: Entrevista semi-estruturada; narrativa; sexualidade; afetividade; fantasias.

Rodrigo Costa dos Santos
PUC-Rio
rodrigo_costa@id.uff.br

“Pare de levar a internet a sério”: A construção discursiva da polarização em um canal do YouTube à luz do Sistema de Avaliatividade

Com o objetivo de investigar a polarização entre Ciência e Conspiração (BESSI et al, 2016) - questão cada vez mais relevante quando consideramos o crescimento da internet como espaço de aprendizagem colaborativa – proponho uma análise de natureza qualitativa-interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2005) da seção de comentários do vídeo “Fomos a Lua?” (https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow) do canal Nerdologia. Para tal, tomo por base a concepção sociosemiótica de linguagem (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014; MARTIN, 2016), com o aporte da Linguística Sistemico Funcional utilizando o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; TAVARES, 2014; VIAN JR, 2012). Nessa perspectiva, a pesquisa se alinha aos princípios da escrita-em-interação (BULLA, 2014), entendendo que a comunicação mediada por computador (CMC) reconfigura aspectos da interação face-a-face na escrita. A metodologia adotada é a análise documental (TAVARES, 2014), por favorecer a observação de fatores relevantes no processo de maturação de indivíduos e sociedades (APPOLINÁRIO, 2009 apud SOBRINHO, 2015). Resultados sugerem que a polarização cria Comunidades Imaginadas (ANDERSON, 2008; HARJU, 2016), agrupamentos humanos caracterizados pela falta de um critério para sua comunhão, que é baseada não necessariamente em um laço social, mas na crença (imaginação) de um laço social. Tal critério frágil de comunhão pode fazer com que a Comunidade Imaginada polarize suas discussões, com uso de recursos de Engajamento e Gradação (MARTIN; WHITE, 2005; WHITE, 2015) para limitar posicionamentos opostos e potencializar seus próprios. Proponho que o uso dos recursos avaliativos demonstra duas potencialidades de tais comunidades: a solidariedade na manutenção do grupo e o cinismo na resolução de conflitos. O modo de operação das Comunidades Imaginadas chama atenção ao que julgo ser o inerente conflito no uso do YouTube para a divulgação científica, uma vez que se define, ao mesmo tempo, como uma plataforma de aprendizagem on-line colaborativa (FINARDI; PORCINO, 2014) e como grupo de afinidade (BARTON; LEE, 2013).

Palavras chave: Linguística sistemico-funcional, Avaliatividade, Cibercultura, Redes Sociais, Polarização.

Thais Regina Santos Borges
PUC-Rio
thaisrsborges@gmail.com

Racismo e resistência na sala de aula de língua estrangeira: reflexões interseccionais acerca de práticas identitárias e pedagógicas

O objetivo deste trabalho é refletir acerca da construção discursiva das práticas identitárias e pedagógicas de uma professora de inglês como língua estrangeira como práticas de resistência, congruentes com o campo da educação por cidadania e justiça social (PETERSON; HATTAM, ZEMBYLAS; ARTHUR, 2016). Nesse contexto, trazendo recorte de pesquisa mais ampla (BORGES, 2017), proponho uma reflexão crítica sobre os modos de ser, estar, agir e sentir da professora, respectivamente: i) a performatividade discursiva de suas práticas identitárias de mulher negra e professora (BUCKHOLTZ, 1999); ii) suas interações na sala de aula como um lugar de dissidência, diferença, desaprender e comunidade laços (hooks, 2003; FABRICIO, 2006; FERREIRA, 2006, 2012, 2015; MOITA LOPES et al., 2006, 2013); iii) a construção de suas ações de enfrentamento ao racismo que perpassa suas práticas (COLLINS, 2018); e, finalmente; iv) como ela mobiliza suas emoções de resistência e de transformação para práticas de resistência (ZEMBYLAS; CHUBBUCK, 2009), dialogando diretamente com a possibilidade cultivar o que designo “sentir crítico” (BORGES, 2017). Informada pela epistemologia feminista (LYKKE, 2010; DAVIS, 2016) e seguindo uma metodologia de pesquisa qualitativa que se baseia no conceito de conhecimento situado (HARAWAY, 1988), faço uso do Sistema de Avaliatividade (MARTIN, 2001; MARTIN e WHITE, 2005) da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994) para entender as escolhas lexicogramaticais feitas pela professora em suas construções discursivas. De maneira relevante às pesquisas que informam a área da educação para cidadania e justiça social (PETERSON; HATTAM, ZEMBYLAS; ARTHUR, 2016), os resultados indicam que é na interseção dos sistemas de poder do heteropatriarcado e do racismo (COLLINS, 2018) que moram tanto as questões de opressão quanto de resistência na sala de aula, levantadas discursiva e performativamente pela professora.

Palavras chave: Interseccionalidade, Racismo, Resistência, Práticas Pedagógicas, Sistema de Avaliatividade

Ula Cristina de Lima Sarmiento Vilela
CEFET-RJ
ulavilela@gmail.com

Os livros didáticos como práticas discursivas de veiculação de saber/poder: Uma análise antirracista.

Os livros didáticos são instrumentos pedagógicos amplamente utilizados nas escolas brasileiras, sendo distribuídos gratuitamente nas escolas públicas através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), podendo ser entendido como importante aparato discursivo para a formação da criticidade devido a relação constante existente entre esses materiais e os sujeitos que os utilizam. Considerando os estudos foucaultianos sobre *poder*, entendemos o livro didático como instrumento estratégico de veiculação de saberes - e consequentemente, de engendramento de poder – a partir dos discursos presentes em seu conteúdo. Nesse sentido e, entendendo a importância de trabalhos voltados para as relações etnicorraciais no campo da educação é que está em andamento a pesquisa intitulada “Os livros didáticos como práticas discursivas de veiculação de saber/poder: Uma análise antirracista”, cujo objetivo é compreender de que forma os discursos apresentados nos livros didáticos constituem instrumentos de

saber/ poder que contribuem para a manutenção do racismo. Para o desenvolvimento do trabalho estamos recorrendo aos estudos sobre discurso, dialogismo e linguagem de Bakhtin, estabelecendo um diálogo com os estudos foucaultianos acerca do poder, conforme mencionado acima e, ainda, com importantes teóricos dos estudos raciais. Já quanto aos livros didáticos utilizados na pesquisa, foram selecionados de acordo com a aprovação do Edital PNLD 2017 e a adesão nas escolas públicas.

Palavras-chave: Livros didáticos, discursos, saber/poder, racismo.